

PRIMEIROS PASSOS EM
**FILOSOFIA
ANTIGA**

Marly N Peres

3

70

Rio de Janeiro, 2025

Sumário

Sobre a metodologia	9
Apresentação	11
A passagem do mito à razão	13
Físicos, o nascimento da ciência ocidental	21
Os socráticos	55
Sócrates	83
Platão	103
Aristóteles	135
O epicurismo e as 4 escolas helenísticas	163
Referências bibliográficas e 1 filme	190

SOBRE A METODOLOGIA

Na elaboração de um curso de Filosofia, ou do material pedagógico respectivo, surge sempre a questão do critério: cronologia ou campos da própria Filosofia (ética, estética, metafísica, lógica etc.)?

O mero ordenar cronológico deixa de fora a discussão que remete os conteúdos à vida real do aluno. Assim também a classificação por autores, que impede a articulação dos temas.

Este livro tem a modesta pretensão de fazer uma introdução que leve em consideração um conjunto de elementos que coabitam com a Filosofia e que compõem desde sempre o contexto no qual ela se desenvolve.

A intenção não é fornecer quadros completos, fechados, acabados, mas sim dar pistas para a reflexão – pois, afinal, o que é filosofar, senão pensar por si próprio?

A discussão filosófica brota da vida. Costuma-se dizer que o próprio início da Filosofia, na Grécia, foi o espanto. O que é provavelmente verdade. Hoje, ainda, é ela que pode vir em nosso socorro, nos ajudando a encontrar o fio dourado que nos ajude a sair do labirinto – o labirinto do excesso de informação, de um

mundo cheio de mentiras e de violência, de diálogos de surdos, de planeta em perigo, de multiplicação de redes sociais e tecnologias em progressão geométrica – por vezes transbordante, angustiante.

Acredito firmemente que a introdução a esse fio histórico formado pelos pensadores pode nos ajudar a lidar melhor com tudo isso, ou seja, pode (e deve) nos ajudar a viver bem.

AMOSTRA

APRESENTAÇÃO

Este terceiro volume, *Primeiros passos em filosofia antiga*, se faz acompanhar de outros dois, *INTRODUÇÃO À MITOLOGIA* e *INTRODUÇÃO À FILOSOFIA*.

E é bem disso que se trata: de percorrermos juntos os primórdios da história do imaginário do Ocidente, sem o qual a filosofia não teria sido o que ela é, nem feito como se fez. Ela é resultado de um processo histórico (e não o “milagre grego”), por isso essa primeira fase da civilização ocidental, a do mito – ou pré-filosofia, como preferimos – é essencial e determinante.

Nestes primeiros passos abordaremos uma introdução à mitologia (quadro de fundo de nosso imaginário) e à filosofia (quadro histórico e cultural, com um quadro resumido dos primeiros pensadores como base para a compreensão do pensamento ocidental).

A PASSAGEM DO MITO À RAZÃO

Aqui repassaremos brevemente, como um preâmbulo, os primeiros passos dados pela filosofia nascente. A expressão do título deste capítulo foi cunhada por J.-P. Vernant.

O ser humano sempre sentiu necessidade de entender o mundo e suas manifestações. Se, até determinado momento, o mito era a explicação suficiente, houve um momento em que essa explicação passou a não mais responder aos anseios de entendimento do homem. Como se deu essa passagem?

Histórias que vêm de longe

Na Grécia Antiga, a explicação religiosa de mundo (por nós chamada de ‘mito’) declina quando os primeiros sábios põem em discussão a ordem humana, traduzindo-a em fórmulas acessíveis à inteligência dos homens. Mas por que e como isso acontece?

Mitos são o conjunto de explicações reunidas em histórias que procuram decifrar a realidade. Hoje parece fácil. Mas há cerca de trinta séculos, entender o que está por trás dos fenômenos meteorológicos, por exemplo, não era nada óbvio. O mito é sempre uma

explicação simbólica, em todas as religiões. E o mito grego tem uma especificidade: são alegorias inteligentes. E razoáveis.

No caso das outras civilizações ancestrais, a função da religião não conduziu ao exercício da aventura intelectual, como nos ensina Bertrand Russell. Por isso só a grega fez Escola. Nelas imperava uma grande preocupação com a vida após a morte. Esse é um dos ingredientes da especificidade grega: a religião grega não é mística, o que parece ter favorecido o aparecimento desse pensamento inquisitivo (a Filosofia); ela não tem um dogma, não tem textos sagrados; e também não tem devoção. As práticas religiosas dos gregos eram, em geral, ligadas aos costumes estabelecidos nas várias cidades-estados. Ou seja, essa religião grega é ‘política’, ou, como disse J.-P. Vernant, ‘cívica’.

Isso equivale a dizer que o que mantinha as pessoas unidas eram seus interesses comuns, com um arcabouço de alegorias por trás, simbolizando determinados valores. O que é completamente diferente de uma religião na qual o que une as pessoas é uma crença compartilhada e não os costumes estabelecidos. Sobre tudo se essa crença tiver a pretensão de verdade.

Um significativo número de elementos já está presente no mito e, portanto, no espírito do homem pré-filosófico. A religião grega foi uma preparação para o pensamento racional, que incorporou muitos dos seus elementos.

Se no pensamento dito racional teremos pares de opostos (frio/quente, seco/úmido etc.), no discurso mítico também já tínhamos (o céu quente e brilhante/terra seca/mar úmido etc.), todos se misturando e gerando novas formas de vida. O que muda é a abordagem e a forma que o discurso assume.

O pensamento racional é só isso: desmistificação; ele só quer mostrar a tranquilizadora banalidade dos fenômenos, como nos ensina, uma vez mais, J.-P. Vernant.

À imagem e semelhança do humano é um dos aspectos que fazem a religião/mitologia grega ser especial. Seus Deuses são antropomórficos, movidos por paixões; eles não são nem monstruosos, nem vagos espíritos sem forma. No pensamento grego o mundo é que cria os Deuses – e não o contrário. Por isso suas histórias têm papel garantido até hoje, no imaginário ocidental e são o que podemos chamar de **“pano de fundo” cultural**.

Quanto ao pensamento racional, ele é o espelho da atitude diante da vida assumida por um povo que fez a travessia de doze séculos de transição entre a vida que tinha o monarca como figura central e uma sociedade que precisava cuidar de si mesma. Com o desaparecimento da figura desse monarca divino, os homens tomam consciência de um presente separado do passado e diferente dele. Esse tempo não voltará, e eles sabem disso. Sabem que estão sozinhos e que terão que encontrar as próprias soluções e saídas.

A filosofia nascente é uma primeira forma de ‘sabe-doria’ humana. Até então, o destino estava escrito nas

estrelas. De repente, os problemas passam a ser colocados em termos novos. Como o rei já não centraliza todos os poderes, as funções na cidade se fragmentam. O que cria problemas de equilíbrio. Já não existe a figura que fica fora e acima do que chamamos hoje de ‘social’, e que encarna todas as virtudes. As atividades humanas que se opunham entre si e eram integradas e unidas pela pessoa do soberano perdem essa unidade que as representa. Será preciso encontrar outra: descobrir o que permanece, apesar de todas as mudanças (o chamado ‘princípio que regula’). Como, de repente, aparece algo tão novo e tão transformador? Por que esse corte? A resposta é simples: não houve corte, nem foi de repente.

Se a emergência da filosofia acontece seis séculos antes de nossa era, o processo que permitiu essa eclosão é muito mais antigo. E que culmina no momento em que as pessoas assumem que o Olimpo não vai resolver seus problemas, pois a vida política (a que acontece na *polis*) é assunto humano.

Platão, por exemplo, recorre muitas vezes a mitos em seus Diálogos, mitos que muitas vezes ele mesmo cria. Sintoma de sua época, a preocupação de Platão na *República* é discutir qual o melhor regime a ser instaurado na *polis*. *República* é a expressão latina que corresponde a *políteia*, que quer dizer *regime*. Por que esse título? Porque Platão nos dirá que não adianta discutir o regime sem antes investigar a natureza humana, para saber qual o regime que melhor lhe convém.

Aqui fica claro que a herança mitológica não foi jogada fora: os Deuses representam a natureza humana. Antropomórficos, são movidos pelas mesmas paixões que nos animam: raiva, ciúme, amor, amizade, curiosidade, doçura.

Essas paixões coabitam, evidentemente, com todo um **conjunto de valores** que vão se forjando. Pois durante esse processo de transição e de crise, houve uma discussão do sistema de valores, com decorrentes reformas no domínio do direito e da política, da ética e dos costumes. Surge nesse momento um grande número de conceitos que se consolidaram a ponto de nortearem nossas vidas até hoje: equilíbrio, medida, excesso, recusa da tirania, ordem, igualdade, reciprocidade.

Talvez alguém se pergunte como e por que num dado agrupamento humano acontece o emergir de alguns valores. Será que algum Deus brincalhão decidiu que assim seria, privilegiando dessa forma aquela raça específica? Parece improvável. O que os registros históricos nos mostram é que a vida se faz dia a dia, pouco a pouco, nos detalhes. E foi no rastro da **recusa racional** de que Deuses brincalhões pudessem determinar os destinos humanos que os gregos promoveram um momento histórico que infelizmente nunca mais se repetiu. Mas que felizmente deixou frutos.

Frutos que incorporam o passado do mito, presente num edifício espiritual no qual as crenças simbolizam alguns valores e explicam a relação e a inserção do ser humano na natureza: ele (ser humano) é parte inte-

grante de um mundo natural e, ao mesmo tempo, de uma esfera comum, na qual é cidadão. Ou seja, por natureza somos todos iguais – a diferença se fará na *polis*. É no domínio do humano que a verdadeira natureza humana floresce. O homem é um animal político por natureza, dirá Aristóteles.

Ou seja, o que chamamos de ‘passagem do mito à Razão’ é a **construção progressiva da pessoa**. Se os gregos discutiram seus valores, se fizeram essa reflexão de caráter laico, deixando ‘os Deuses na soleira’, nem por isso os jogaram no lixo. Pelo contrário: é importante observar que o discurso que procura dar sentido ao mundo em que vivemos não surge no pensamento racional, mas sim no mito. Como também é nele que a tríade ‘harmonia-justeza-medida’, tão cara ao pensamento ocidental, figura pela primeira vez: ao humano cabe o efêmero – ele é mortal e a isso deve se conformar, do contrário incorrerá na maior das faltas, o descomedimento [*hybris*], a falta de moderação e temperança [*sophrosyne*], da justa medida.

Nessa determinante e única **passagem do mito à Razão**, é importante entender que evidentemente o homem sempre sentiu necessidade de entender o mundo e suas manifestações. Se, até determinado momento, o mito era a explicação suficiente, houve um momento em que essa explicação passou a não mais responder aos anseios de entendimento do homem. Como se deu essa passagem? Não do ponto de vista cronológico, mas do ponto de vista psicológico.

Pois claro está que quando dizemos que houve uma passagem ao pensamento racional, não estamos dizendo que antes não se pensava. Mas sim que o pensamento assumiu uma forma acabada, nova, diferente da narrativa do mito. Assumiu a forma do que chamamos de *logos*. Ao longo da história do pensamento, tentou-se entender e definir o *logos* de maneiras diferentes. Sendo ele por definição o princípio que governa as coisas, como se pode e se deve entender os diversos entendimentos que os homens foram desenvolvendo historicamente sobre ele? Seria o *logos* um princípio que vai se revelando aos poucos e, por isso, necessariamente dependente do desenvolvimento da capacidade que quer entendê-lo?

Outra pergunta importante é se **Razão e *logos* são a mesma coisa**. pois se o pensamento racional está sujeito a mudanças, como ele seria capaz de entender o que, por definição, seria um princípio único, ordenador das coisas? Em outras palavras: se a Razão é uma instância crítica mediadora da relação do homem com o mundo que não apenas permite mas exige considerar a pluralidade de respostas, então é forçoso reconhecer que ela, a Razão, para exercer esse papel, chegará necessariamente a diversas definições do que é único (no caso, o *logos*)? E, como derivação dessa pergunta, surge um questionamento ainda mais desafiador para o pensamento filosófico: em que medida *logos* e Razão de fato se aproximam?

FÍSICOS, O NASCIMENTO DA CIÊNCIA OCIDENTAL

Physis, em grego, significa **natureza**. Por isso chamamos de físicos os primeiros pensadores do mundo ocidental – porque eles se dedicaram a investigar o funcionamento da natureza, e suas causas e princípios. Ela foi seu terreno de pesquisa. Até então, todas as explicações de mundo vinham da religião. Mas no século VII antes de nossa era começam a surgir pensadores que não se contentam com essas explicações, e que procuram entender a Razão de a natureza funcionar de forma ordenada. Mas procuram na própria natureza, e não em outro lugar qualquer.

Assim, podemos dizer que a filosofia nasce como física: literalmente, a pesquisa sobre a natureza (*physis*). E a física se define simplesmente como o estudo dos seres que contêm em si mesmos o princípio de seu movimento.

Há quem prefira chamar os primeiros pensadores de pré-socráticos. Mas isso acaba dando a falsa impressão de eles serem algo menor, uma espécie de gente amontoada antes do grande Sócrates. Sócrates foi grande, sem dúvida. Mas os primeiros pensadores

não foram algo menor. Sua abordagem é que foi diferente. Eles foram o que chamamos hoje de cientistas: gente preocupada com o rigor e a clareza. Como nos ensinou Popper, “É científico tudo aquilo que em tese é refutável”. E o que nossos primeiros pensadores inauguraram foi essa recusa de aceitar respostas convencionais. Foi a obstinação de tentar entender racionalmente os fenômenos naturais e o funcionamento do Universo (e de tudo o que o compõe). E seu ineditismo também foi fazer isso na forma de um debate, onde todo argumento podia ser contestado, discutido. Diferentemente da religião, que não aceita a refutação nem a discussão.

A maioria desses pensadores vem da região circunvizinha de Atenas, que se transformaria no centro cultural do mundo Antigo. É da discussão que nasce a filosofia, a investigação sistemática, feita por aqueles que seriam então chamados de filósofos (em grego, ‘amantes da sabedoria’). Nessa região circunvizinha ficavam cidades como Mileto, Éfeso, Rodes, Pérgamo, Abdera, Samos, Esmirna. Lembrando que o que chamamos hoje de Grécia formava a Hélade, o conjunto de povos de raça helena. E a Magna Grécia englobava também parte da Ásia e toda a metade sul da atual Itália.

O surgimento da filosofia é pura e simplesmente o resultado de um processo. Esse processo é conhecido como “passagem do mito à Razão”. Em linhas gerais, ele começa com a queda do Império Micênico (época

da Guerra de Troia), a partir da qual a necessidade de sobrevivência sem um poder central aglutinador foi forjando todo um sistema de valores que representasse aquele agrupamento humano. Esse sistema de valores, essa ética foi representada em histórias e figuras simbólicas – a religião grega (que depois da institucionalização do monoteísmo como religião de Estado passou a ser chamada de ‘mitologia’).

Obs.: O pensamento grego nunca erigiu uma moral, ou seja, um código de comportamento, de conduta (“não matarás” etc.), mas sim uma ética, ou seja, um código de valores. Não por acaso, a justiça e a civilização foram os valores mais representados, na cultura grega como um todo.

Desse processo que leva ao surgimento da filosofia participou enormemente a **escrita**. No século VIII antes de nossa era surge a escrita, quando os gregos inserem vogais em antigos sinais fenícios, já em desuso. Com a escrita, a cultura dá um salto fenomenal. Homero (autor dos primeiros escritos do mundo ocidental) e Hesíodo compilam em seus textos todo um saber acumulado. Um século depois, o conhecimento, que na época do Império Micênico passava pelo palácio, pelos escribas (como no Egito, Mesopotâmia etc.), já faz parte da vida da cidade: ou seja, ele se torna público.